

**AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS NO CAMPO E OS CONFLITOS
PELO ACESSO A TERRA E A ÁGUA: AS NOVAS
TERRITORIALIDADES DO *AGROHIDRONEGÓCIO* EM GOIÁS**

**LOS CAMBIOS ESPACIALES EN EL CAMPO Y LOS CONFLICTOS
POR EL ACCESO A LA TIERRA Y AGUA: LAS NUEVAS
TERRITORIALIDADES DEL *AGROHIDRONEGÓCIO* EN GOIÁS**

**THE SPATIAL TRANSFORMATIONS IN RURAL AREAS AND THE
CONFLICTS FOR WATER AND ENERGY: THE NEW
TERRITORIALITIES OF *AGROHIDROBUSINESS* IN GOIÁS**

Marcelo Rodrigues Mendonça¹

ufgmendonca@gmail.com

RESUMO

A pesquisa possui como finalidade compreender as transformações espaciais no campo em Goiás, precisamente no Sul Goiano (Mesorregião que agrega a parte centro-sul do Estado), a partir dos usos da terra e da água. A metodologia qualiquantitativa associada aos trabalhos de campo nas áreas pesquisadas e o diálogo com os movimentos sociais, sindicatos patronais e de trabalhadores, universidades, centros de pesquisa e demais entidades e instituições foram fundamentais como forma de assegurar o apoio e as condições adequadas para o desenvolvimento dos resultados apresentados na pesquisa. Com efeito, o Sul Goiano é uma das regiões mais conflituosas de Goiás; concentra aproximadamente 80% da população e a maioria dos investimentos dos setores agroindustrial, sucroalcooleiro-energético, hidroelétrico, minerador e financeiro. Tal fato aglutina os desafios que compõem a pesquisa, ao demonstrar os efeitos territoriais da modernização do território em Goiás.

Palavras-Chave: Goiás. Território. *Agrohidronegócio*. Conflitos.

RESUMEN

La investigación tiene el propósito de entender las transformaciones espaciales en el campo en Goiás, precisamente en el Sur goiano (mesorregión que agrega la parte sur-central del estado), a partir de usos de la tierra y del agua. La metodología cuali-cuantitativa asociada con el trabajo de campo en las áreas estudiadas y el diálogo con los movimientos sociales, sindicatos de los empresarios y trabajadores, universidades, centros de investigación y otras organizaciones e instituciones fueron esenciales para asegurar el apoyo y las condiciones adecuadas para el desarrollo de resultados presentados en la investigación. De hecho, sur goiano es una de las regiones más conflictivas de Goiás; concentra aproximadamente el 80% de la población y la mayoría de las inversiones en el sector agroindustrial de, la

¹ Professor Doutor nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG

caña de açúcar- hidroeléctrica, minería y finanzas. Este hecho trae juntos los desafíos que conforman la investigación, para demostrar los efectos territoriales de la modernización del territorio en Goiás.

Palabras clave: Goiás, Território, Agrohídronegócio, Conflictos

ABSTRACT: The search has the finality of comprehend the spatial transformations in the rural areas of Goiás, accurately in the south region (mesoregion that aggregates the south-central part of the state), from the land and water uses. The qualiquantitative methodology associated with countryside works in researched areas and the dialogue with social movements, syndicates of employers and workers, universities, research centers and other entities and institutions are fundamentals as a way that ensures the support and suitable conditions for the development of results presented in this study. Indeed, the south of Goiás is one of the most conflictual regions of Goiás, and concentrates about 80% of population and most of the investments of agribusiness sectors, energetic sugar-alcohol industry, hydroelectric, miner and financial. This fact agglutinates the challenges that make up the search, demonstrating the territorials effects of modernization of territory in Goiás.

Key Words: Goiás. Territory. Agrohídrobusiness. Conflicts.

INTRODUÇÃO

A modernização do território, intensificada com a expansão da fronteira agrícola no Cerrado goiano, denominada modernização da agricultura, a partir dos anos (19)70, provocou a adoção de maquinarias e implementos agrícolas, inovações técnicas e tecnológicas apoiadas nas políticas governamentais (crédito, fiscal, tributária etc.) que redundaram numa intensa mecanização, quimificação, expulsão de milhares de famílias do campo, inchaço urbano, concentração fundiária e impactos ambientais.

Estabeleceu-se um novo padrão agrário no país, baseado na “modernização conservadora”, em que o Centro-Oeste, precisamente Goiás, tornou-se um imenso laboratório para as novas exigências do capital agroindustrial e financeiro, que investido de técnicas e tecnologias, transformaram as paisagens cerradeiras, num celeiro agrícola, implementando relações capitalistas de produção em todo o circuito produtivo.

Todavia, a modernização do território nas áreas de Cerrado não eliminou diferentes formas de exploração e usos da terra e da água, tais como aquelas construídas pelos camponeses, pecuaristas tradicionais e trabalhadores/camponeses, mas possibilitou um mosaico nas formas de uso da terra e da água em Goiás, resultando em múltiplas territorialidades e diferentes conflitos. A agroindustrialização impulsionada pelas necessidades das empresas nacionais e transnacionais propiciou a incorporação de vastas áreas de Cerrado (terra e água), até então pouco aproveitadas para a agricultura comercial/empresarial, o que provocou mudanças na paisagem regional. As

migrações campo cidade e principalmente de outras áreas para Goiás em busca de melhores condições de vida alteraram a dinâmica das cidades existentes.

A partir desse introito o artigo possui como finalidade compreender as transformações espaciais no campo em Goiás, precisamente no Sul Goiano (Mesorregião que agrega a parte centro-sul do Estado), a partir dos usos da terra e da água. Essa região é uma das mais conflituosas de Goiás e concentra aproximadamente 80% da população e também a maioria dos investimentos dos setores agroindustrial, sucroalcooleiro-energético, hidroelétrico, minerador e financeiro. A metodologia qualiquantitativa associada aos trabalhos de campo nas áreas pesquisadas e o diálogo com os movimentos sociais, sindicatos patronais e de trabalhadores, universidades, centros de pesquisa e demais entidades e instituições foram fundamentais como forma de assegurar o apoio e as condições adequadas para o desenvolvimento dos resultados apresentados na pesquisa.

Por conseguinte, o desafio foi analisar as diferentes formas de exploração e usos da terra e da água, os conflitos decorrentes e conhecer as estratégias construídas pelos camponeses/trabalhadores que *(Re)Existem* a partir de ações políticas, construção e efetivação de políticas públicas e o fortalecimento das práticas agroecológicas que configuram novas territorialidades no campo goiano. Procurou-se aprofundar os entendimentos sobre os conflitos em torno do acesso e usos da água, nas áreas em estudo, tendo em vista as implicações acarretadas pelas políticas desenvolvimentistas (construção de empreendimentos hidroelétricos, agricultura irrigada, represamentos para abastecimento público e dessedentação de animais etc.).

O Sul Goiano destaca-se pela territorialização da agricultura moderna (monoculturas intensivas) e passa por intensas transformações espaciais, mediante a implementação do *agrobidronegocio* (soja, cana de açúcar, empreendimentos barrageiros, mineradoras etc.), ocasionando intensa mobilidade geográfica do capital e do trabalho. A situação é complexa. De um lado as monoculturas irrigadas que usam indiscriminadamente a água na produção de *commodities*; de outro os barramentos para a produção energética, abastecimento público e/ou para a irrigação etc., o que permitiu elaborarmos o conceito de *agrobidronegocio*. Terra e água passam a ser, de forma conjunta, apropriadas para se transformarem em mercadorias, ao invés de serem consideradas bens públicos, conforme as necessidades humanas.

Assim, acredita-se ser fundamental investigar as demandas quanto aos usos da terra e da água no Sul Goiano (Sudeste e Sudoeste de Goiás), bem como compreender os conflitos socioambientais, decorrentes das transformações espaciais entre o *agrobidronegocio*, a agricultura

camponesa e os múltiplos usos e interesses em torno da água, considerando a centralidade do conflito.

ENCRUZILHADA DE TEMPOS: AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS NO CAMPO EM GOIÁS

A intensificação da produção e da produtividade está intrinsecamente relacionada aos interesses do capital. Exemplo disto é a segunda metade do século XX – um marco no processo de ocupação e apropriação do Cerrado goiano – pois o território goiano, que era, até então, caracterizado por uma ocupação rural dispersa e atividades produtivas centradas na pecuária extensiva e na agricultura de autoconsumo, – tradicional fazenda goiana² – é transformado pela modernização capitalista.

A criação deliberada de novos objetos e equipamentos técnicos, que incorporados ao meio aparecem como objetos geográficos, possibilitou mudanças bruscas nas formas de produzir. Os efeitos sobre as atividades tradicionais foram intensos e os problemas socioambientais decorrentes foram mascarados, sob pena, de comprometer o avanço do capital e de incentivar os movimentos sociais e ambientalistas para as causas sociais e ambientais do Cerrado.

Essas mudanças que tiveram como objetivo tornar o Cerrado produtivo e lucrativo alteraram de forma significativa a configuração espacial dos territórios. As antigas paisagens do Cerrado foram sendo modificadas e transformadas predominantemente em campos despovoados de *gentes*, mas povoados de densas técnicas, malhas, redes representadas por meio das monoculturas (soja, cana de açúcar, eucaliptais e outros), agroindústrias, empreendimentos barrageiros, mineradoras etc.

O solo que até então era considerado de baixa produtividade, com os incrementos técnicos científicos (calcários, máquinas agrícolas de última geração, pivôs etc.) se transformou em terra de primeira e, conseqüentemente, tornou-se um dos fatores essenciais para a implantação do *agrobidronegocio*.

² Segundo Estevam (2006, p. 64) “[...] a fazenda goiana apresentava [...] características peculiares; não se utilizava predominantemente do trabalho servil e a escravatura [...] A organização não apresentava características básicas de formação de classes e não promovera até então, divórcio entre meios de produção e a força de trabalho. Com esses elementos característicos [...] contrastava com a fazenda cafeeira, unidade básica mercantil. Também diferentemente da fazenda açucareira de rígida hierarquia tradicional, as fazendas tradicionais goianas organizaram-se de maneira peculiar, engendrando uma ordem social bastante singular.”

Vale ressaltar os subsídios e as facilidades propiciadas pelo Estado mediante linhas de créditos específicas, incentivos fiscais, infraestruturas, entre outras. Vê-se, assim, pela lógica do mercado de consumo global e do capital transnacional a mais brusca transformação espacial do Cerrado goiano. A transformação do rural em agrícola mecanizado em um período histórico tão curto gerou impactos econômicos, sociais, culturais e espaciais que podem ser claramente percebidos.

Pode-se dizer que o Cerrado goiano, no início do século XXI, presencia vários tempos em um mesmo espaço. Em trabalhos de campo realizados no Sudoeste e Sudeste de Goiás presenciamos as faces ocultas da modernização. A ema, figura principal do Parque Nacional das Emas, agora vive nas lavouras de soja. Presencia-se em cidades como Rio Verde e Jataí (polos econômicos do Sudoeste Goiano) uma enorme disparidade socioeconômica que antigamente era característica exclusiva das grandes metrópoles. Nem se mencione a criação de cidades, como o caso de Chapadão do Céu e das empresas transnacionais com tecnologia de ponta e intensa mecanização, algumas já robotizadas, que concentram a maior parte de sua produção para o mercado externo. A geração de empregos em grande escala, como comumente anunciada, é mais um dos inúmeros discursos que se cria para atrair mão de obra barata das áreas mais empobrecidas do país.

Pode-se dizer que o Cerrado se conforma em territórios disputados e que essa disputa é desigual e contraditória. Uns disputam o poder de concentrar riquezas e de explorar mais e mais a terra e a mão de obra, outros disputam um lugar ao sol, para poder ter o direito de ser e de viver.

No município de Campo Alegre, próximo à cidade de Catalão, pode-se presenciar o que se denomina por empresa moderna “familiar”. São agroempresas com imensas plantações de grãos (milho, café, soja) e algodão em região de fronteira (entre os estados de Goiás e Minas Gerais) que empregam tecnologia de ponta na produção, visando à intensificação e maximização do lucro.

A busca incessante por superar os índices de produção e produtividade, já elevados, obriga o uso intensivo da terra e da água. Conforme nos lembra Thomaz Junior (2009), o capital tem à disposição elementos imprescindíveis para a marcha expansionista dos seus negócios. Além de contar com os favorecimentos dos investimentos públicos e também privados, e por isso disputa apoios, cabe colocar em evidência que os bons resultados/retornos obtidos são complementados/potenciados pelo acesso às melhores terras (planas, férteis, localização favorável e logística de transportes adequada).

Mas não somente, pois o sucesso do empreendimento como um todo requer a garantia de acesso à água, seja superficial (grandes rios, reservatórios de hidrelétricas, lagos), por meio de intervenções, via de regra, represamentos de cursos d'água, seja subterrânea, sobretudo os aquíferos Caiuá-Bauru e Serra Geral, no Centro Sul do País, índices pluviométricos satisfatórios e com regularidade adequada às demandas do ciclo vegetativo da planta (cana de açúcar, soja etc.).

Agora, como mercadorias são subordinadas aos ditames do mercado que não estabelece limites e não conhece nenhuma outra lógica que não seja a de ampliar, significativamente, as condições de geração do lucro. Não importa se os solos estão sendo mortos, se há trabalho escravo, se as águas estão sendo contaminadas e se os trabalhadores estão a cada dia mais empobrecidos.

Uma das formas de refletir sobre as questões colocadas é partir da premissa de que as práticas socioculturais se transformam em práticas espaciais em um movimento constante e dialético, ou seja, as questões materiais incidem diretamente nas questões imateriais e vice-versa. O morar e as práticas alimentares, comumente caracterizados pelo sentimento de pertencimento, bem como, as práticas socioculturais são tratados *plasticamente* nas agroempresas e na maioria das vezes só existem por imposições normativas³. Assiste-se assim à reprodução de verdadeiras vilas operárias nas “antigas fazendas” e à construção de alojamentos que reportam a organização militar e ao modelo fordista de produção.

Neste sentido, ao se avaliar as transformações materiais e imateriais de acordo com os trabalhos de campo pode-se afirmar que os territórios em Goiás são ao mesmo tempo ricos e miseráveis, tradicionais e contemporâneos, lentos e rápidos. Enfim, as contradições do capital estão nítidas em suas paisagens e em suas espacialidades.

Por conta da chegada de migrantes de várias partes, destacando-se aqueles oriundos do Sul do país; da transformação do modo de produção, decorrente da reestruturação produtiva do capital que exige novas matrizes espaciais; da mudança do rural para o agrícola, aliada ao processo de urbanização da contemporaneidade, entre outros fatores, o Cerrado (população e paisagem – objetos e ações) se constitui territórios em disputa. A aparência pode ser moderna e cosmopolita, mas a essência ainda é tradicional. Há, aqui, a fusão de tempos desiguais num mesmo território. *É uma encruzilhada de tempos.*

³ A agroempresa visitada, há cinco anos, foi notificada por trabalho escravo pelas precárias condições que abrigavam os seus trabalhadores. Esta notificação influenciou entre outras coisas na imagem comercial da empresa, o que implica menos lucratividade.

Essa *encruzilhada de tempos* pode ser observada na reinvenção das práticas socioculturais dos camponeses e *trabalhadores da terra* que, expulsos dela se reterritorializam nas áreas urbanas, nas áreas de fronteira e nos acampamentos e assentamentos mediante a luta pela terra e pela reforma agrária. É comum nas cidades goianas, principalmente nas áreas periféricas, os festejos de “folias de reis”, procissões em devoção aos santos, fogueiras e festas juninas, fogões a lenha etc. Usos, costumes, tradições, crenças e modos de vida passando pelo processo de (des)territorialização e (re)territorialização.

Esse processo também acontece com os migrantes e com as populações que já eram consideradas urbanas. Há um movimento constante de trocas, mudanças e enraizamentos. Existe um embate cotidiano entre o local e o global, como também níveis distintos de integração e até a fusão em determinados momentos.

E é por isso que apesar de a modernização dos territórios cerradeiros ter promovido, em nível do discurso, a homogeneização espacial, persistem práticas socioculturais cheias de símbolos: rurais, tradicionais, modernos, que imbricados constituem teias e tramas complexas, precisamente no que tange as formas e uso da terra e da água e os conflitos socioambientais decorrentes.

Essa reflexão é fundamental para a Geografia, pois o que está em jogo é a defesa dos territórios (camponês, indígena, quilombola, ribeirinho, seringueiro, cerradeiro etc.) que expressam usos da terra e da água, quase sempre, adequados à lógica da vida. A defesa das condições de vida e de relações adequadas à natureza é possível a partir da garantia da permanência e do acesso a terra a partir de uma reforma agrária sustentável, que efetivamente assegure dignidade aos trabalhadores/camponeses e consiga incorporar os saberes da vida. Assim, devem-se levar em conta a especificidades do solo, do clima, dos recursos hídricos e, principalmente, os saberes/fazeres, as experiências e vivências dos sujeitos cerradeiros.

Nesses territórios encontram-se, além da rica biodiversidade, os principais aquíferos subterrâneos, o que os torna indispensáveis para a segurança hídrica de milhões de pessoas, garantindo a produção da vida em grande parte da América do Sul. Entretanto, até meados do século XX era considerado um bioma com solos pobres e improdutivos, vegetações deformadas e feias e o lugar dos tempos lentos⁴, que deveriam ser transformados conforme as necessidades das ondas modernizantes.

⁴ Segundo Santos (1994, p. 47) “[...] tempo rápido é o tempo das firmas, dos indivíduos e das instituições hegemônica e tempo lento é o tempo das instituições, das firmas e dos homens hegemônizados. A economia pobre trabalha nas áreas onde as velocidades são lentas. Quem necessita de velocidades rápidas é a economia hegemônica, são as firmas hegemônicas.”

A predicação negativa sobre o Cerrado e *suas gentes* foi construída pelo imaginário economicista, em que este aparecia como um bioma pobre e improdutivo que se caracterizava por uma ocupação onde se desenvolvia, basicamente, pecuária extensiva aliada à agricultura de subsistência⁵. Embora seja usual, entre os pesquisadores geógrafos, o conceito de agricultura de subsistência, não concordamos com a utilização desse conceito, pois expressa aquilo que se encontra abaixo das condições de existência. Esse conceito serviu para agregar adjetivos pejorativos aos camponeses e demais povos que vivem e lutam pela permanência na terra, como atrasados, pouco desenvolvidos, avessos a modernização entre tantos outros estereótipos que tinham o objetivo de desqualificar *as gentes* oriundas do campo. Essas *gentes* deviam ser substituídas pelo progresso, pelo moderno, pelo crescimento econômico, no caso o *agrohídronegócio*.

Isso não é verdadeiro no que tange as sociedades camponesas cerradeiras, pois vivem de forma simples, todavia apresentam uma economia centrada na produção de alimentos e aproveitamento dos frutos, plantas do Cerrado, permitindo denominá-las de agricultura de autoconsumo. Registramos que esses discursos prevalecem nas leituras sobre o Cerrado e as formas de uso que denotam concepções em disputa.

Para se alcançar esta compreensão demanda-se a construção de um olhar espacial abrangente, de natureza transdisciplinar e capaz de enxergar além das fronteiras impostas pela fragmentação entre o físico e o humano e a natureza e a sociedade. Temos chamado essa perspectiva de abordagem integrada do Cerrado. É esse olhar espacial integrado que permite deparar-se com o local e o global, com as contradições entre normas e vidas. São essas teias urdidadas no cotidiano – resultantes da conflitualidade, força motriz das *(Re)Existências*, compreendidas na relação com os de dentro e com os de fora – que asseguram práticas socioculturais, expressões corporais e estéticas, constituindo novos saberes e fazeres dos *Povos Cerradeiros*. (MENDONÇA, 2004).

AGROHIDRONEGÓCIO E OS CONFLITOS POR TERRA E ÁGUA

Conforme a Comissão Pastoral da Terra (2010), que iniciou recentemente o monitoramento dos conflitos pela água no Brasil, de janeiro a julho de 2010, foram registrados 29

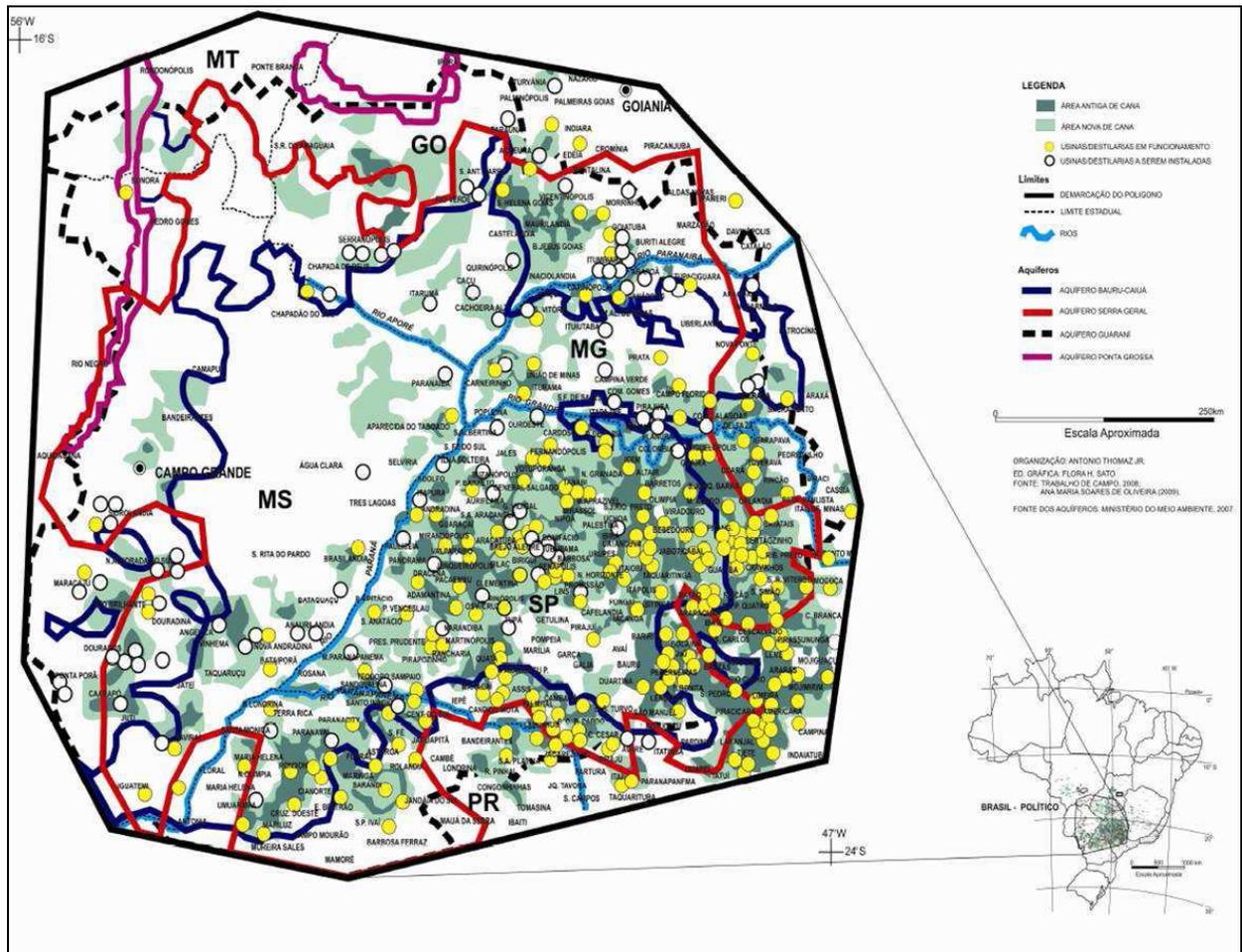
⁵ Segundo Estevam (2004, p. 16) “Agricultura e pecuária em Goiás não podem ser vistas, no contexto do século XIX, como atividades estanques ou separadas. A agricultura explorada no território era a agricultura camponesa caracterizada pela fraca utilização de insumos e pela predominância do trabalho familiar”.

conflitos pela água envolvendo 25.255 famílias. Número 32% maior do que igual período de 2009, quando se registraram 22 conflitos envolvendo 20.458 famílias. Em todas as regiões, menos no Norte, os conflitos pela água cresceram: 50%, passando de 2 para 3 no Centro-Oeste; 18,5%, indo de 7 para 9, no Nordeste; 175%, crescendo de 4 para 11 no Sudeste; e 50% de 2 para 3 no Sul. No Norte foram registrados 7 conflitos em 2009, e 3 em 2010, mas cresceu em 395% o número de famílias envolvidas nestes conflitos. Passaram de 2.250 famílias em 2009, para 11.150, em 2010.

Dos 29 conflitos pela água, 11, ou 38%, estão relacionados com a construção de barragens e ocorreram em 14 estados da Federação, em 2010, quando em 2009, atingiram 13 estados. Embora não existam dados sistematizados sobre Goiás, a preocupação é tanta que obrigou as autoridades responsáveis a realizar o 1º Seminário de Recursos Hídricos de Goiás, em abril de 2013 na cidade de Caldas Novas. O destaque ficou por conta dos Usos Múltiplos e Conflitos pelo Uso dos Recursos Hídricos. O debate focou aspectos como irrigação e uso agropecuário, indústria e mineração, abastecimento público, geração de energia, sociedade civil e poder público.

Ainda, deliberou-se pela criação dos Comitês de Bacias Hidrográficas. É importante destacar que a falta de informações sobre os conflitos é um elemento primordial para evitar a elaboração de uma legislação com o objetivo de normatizar as formas de acesso e uso da água dos aquíferos. Thomaz Junior (2010) diz que há um acervo subterrâneo de água e que o capital envolvido nas diferentes atividades do agronegócio (cana de açúcar, soja, milho) e do hidronegócio (hidroelétricas, represas para irrigação etc.) está atento e disposto a conciliar os interesses de controlar as melhores terras e o acesso à água. Os aspectos essenciais desse processo de expansão do *agrobidronegócio* se consolidam territorialmente, em várias porções do espaço, o que se denomina de Polígono do *Agrobidronegócio* (Mapa 01).

Mapa 01 - Polígono do *Agrohidronegócio* – Brasil



Fonte. Antonio Thomaz Junior (2008).

Essa demarcação territorial contempla diferentes formas de expressão territorial a contar com o Oeste de São Paulo, Leste do Mato Grosso do Sul, Noroeste do Paraná, Triângulo Mineiro e Sul-Sudoeste de Goiás, que representa a maior plantação de cana de açúcar, de concentração de plantas agroprocessadoras, de hidroelétricas e barragens para irrigantes e de produção de álcool e de açúcar do país.

A permanência das práticas socioculturais cerradeiras movidas pela ação política transformadora (luta pela terra, pela reforma agrária, pela água etc.), permite apontar o conceito de *(Re)Existência* enquanto um processo de permanência, modificada por uma ação política que se firma nos elementos socioculturais. Significa re-enraizar para continuar enraizado ou poder criar novas raízes e mesclá-las com as já existentes, formatando espacialidades como condição para continuar *(Re)Existindo*.

Nesse sentido, as *(Re)Existências* são ações construídas no processo de luta pelos territórios da vida, expressas na luta pela permanência na terra, na luta pela Reforma Agrária, na

luta contra a construção desenfreada e injustificada dos empreendimentos hidroelétricos que expulsam milhares de famílias de seus lugares de existências, na luta pela água, entre outras ações de natureza política que possuem como fundante as relações de pertencimento.

À medida que, se organizam forjam uma consciência de classe que se evidencia no fazer-se, conforme Thompson (1998); porém, parcelas desses sujeitos não se engajam nos movimentos sociais e, tampouco, deixam de ser considerados sujeitos políticos. O que ocorre é que não se fazem no processo de construção da ação política coletiva.

Entretanto, o que os particulariza, além da perspectiva de se manterem na terra constituindo modos de ser e de viver, é a ação política na defesa da *terra de trabalho*, da reforma agrária, da água, a partir de diversos elementos, entre eles a cultura, determinante de ações políticas que buscam nas *(Re)Existências*, frisa-se, as condições necessárias para manter e lutar pelos territórios da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Goiás se destaca no cenário brasileiro pela produção e produtividade de grãos a partir da territorialização das agroindústrias (complexo grãos-carne) que promovem significativas transformações espaciais no campo e na cidade. No campo, o *agronegócio como produtor avassalador de riquezas*, mas também de conflitos por terra e por água. Atualmente, segundo dados da Comissão Pastoral da Terra existem aproximadamente (05) mil famílias demandantes por terra, sendo que milhares estão acampadas provisoriamente e, outras tantas, pululam pelas periferias urbanas em busca de sobrevivência e, às vezes, sendo assistidas pelas políticas públicas mitigadoras.

É notório os problemas sociais e ambientais provocados pela territorialização do agronegócio (agricultura moderna), algo sem paralelo na história de Goiás. Daí decorre diversos conflitos, pois camponeses e trabalhadores, expulsos da terra lutam para retornar a ela. Também, a crescente denúncia de disputas em torno do acesso a água, da diminuição da vazão dos cursos d'água e da qualidade da mesma, pois a cada dia, a contaminação por agrotóxicos e a poluição por outras fontes preocupa os pequenos e médios proprietários.

Muitos, já assentados se organizam para assegurar políticas públicas (crédito rural, moradia camponesa, insumos etc.) e práticas agroecológicas para atender as demandas do PAA (Programa de Aquisição Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e adotam formas de manejo sustentáveis que tem sido motivos de várias pesquisas.

Essas ações são fundamentais para assegurar a produção de alimentos saudáveis e mais baratos para a população local/regional. Isso tem sido possível com as formas de uso da terra, centradas nas experiências (saberes-fazeres) das Comunidades Camponesas que negam a monocultura, a concentração da terra e da renda e os efeitos sociais e ambientais decorrentes da territorialização do *agrohídronegócio* nessas terras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. de. (Org.) **Tantos Cerrados**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.
- ESTEVAM, L. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. 2ª Ed., Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.
- INOCÊNCIO, M. E. **O Prodecer e a territorialização do capital em Goiás: o projeto de colonização Paineiras**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.
- MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **Técnica, espaço, tempo - globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- THOMAZ JUNIOR, A. Gestão e ordenamento territorial da relação capital-trabalho na agroindústria sucroalcooleira. **Informações Econômicas**. São Paulo, v. 30, n. 4, abr. 2000.
- _____. **O agrohidronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI**. CAMPO-TERRITÓRIO, Uberlândia/MG, v.5, n.10, ago. 2010. p. 92-122
- _____. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI: limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos**. 2009. 500 f. Tese (livre-docência) – Presidente Prudente, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2009.
- _____. **Os desafios rumo a um projeto para o Brasil! (Intemperismo do Trabalho e as Disputas Territoriais Contemporâneas)**. São Paulo, Revista da ANPEGE, v.7, n. 1, 2011. p.

307-329. Disponível em: <http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/article/view/176/RAE25>. Acesso em: 03 ago. 2012.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum** - estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.